

**VOZES DIVERSAS**

**DIFERENTES SABERES**



**SALÃO DE  
INICIAÇÃO CIENTÍFICA  
XXX SIC**

15 A 19  
OUTUBRO  
CAMPUS DO VALE



## **O QUE FAZER DIANTE DE UM GOLPE?**

**Autora: Liana Netto Dolci; Orientador: Amadeu Weinmann**

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul**

**Instituto de Psicologia**

### **INTRODUÇÃO**

Terra em Transe (1967), realizado pelo diretor brasileiro Glauber Rocha, é um ensaio sobre a interação entre arte e política por meio de uma estética convulsiva. Retrata o momento do golpe de Estado de 1964, o desencantamento da esquerda e desmitifica a política populista em uma irrupção de afetos intempestivos. Fazendo parte do movimento conhecido como Cinema Novo, o filme faz uma dura crítica a tendências colonialistas e a inclinação por líderes carismáticos. Sem apresentar soluções estratégicas, o filme não se limita a explorar a identificação do espectador com personagens idealizados, como Paulo — o que o torna uma obra parte do Cinema Reflexivo.

### **PROBLEMA**

O que fazer diante de um encerramento político?

### **MARCO TEÓRICO**

Para tentar responder à pergunta, travamos um diálogo com alguns pensadores, como Freud e Hannah Arendt, bem como teóricos da atualidade. A pesquisa está organizada em três eixos principais: trauma, luto e criação. Dialogamos com outras produções da cultura, a fim de traçar caminhos que apontem saídas diante de um encerramento político. Nossa conversa com o Cinema se dá, principalmente, com teóricos do campo, como Ismail Xavier e Robert Stam.

### **METODOLOGIA**

Neste estudo, a pesquisa opera no registro próprio da linguagem cinematográfica, escutando-a desde a psicanálise — o que se denomina análise fílmica psicanalítica. Priorizamos a análise da marca própria do cinema de Glauber Rocha. Escolhemos cenas que, de acordo com o teórico Ismail Xavier, revelem uma homologia entre o microcosmo da ficção e o macrocosmo social, e ilustram a linguagem irreverente e inovadora do diretor.

### **HIPÓTESE**

Terra em Transe perdura até hoje devido às suas qualidades intrínsecas em uma equação de ficção e realidade do Brasil pós golpe de 1964. É uma obra vanguardista em sua linguagem cinematográfica e que apostamos ser uma tática de ação política. Nossa hipótese articula a ideia do fazer político pela arte como resistência, como criação de algo novo que tenta simbolizar os restos do trauma, em vez de cair em uma resignação melancólica.

